



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



AULAS DE CAMPO COMO MECANISMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Luciano Cândido

Ouro Preto – MG

2024

LUCIANO CÂNDIDO

**AULAS DE CAMPO COMO MECANISMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.**

Orientador

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues

Avaliador

Prof. Dr. David Melo Van Den Brule

Ouro Preto – MG

2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
CENTRO DE EDUCACAO ABERTA E A DISTANCIA - CEAD
COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA - MODALIDADE
A DISTANCIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Luciano Cândido

Aulas de campo como mecanismo facilitador da aprendizagem no ensino de Geografia

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Aprovada em 06 de dezembro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. David Melo Van Den Brule - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Marta Bertin, Coordenadora do Curso, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marta Bertin, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**, em 09/12/2024, às 18:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0825069** e o código CRC **6928F5C7**.

AULAS DE CAMPO COMO MECANISMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Luciano Cândido

Resumo

O processo de ensino-aprendizagem é uma ação contínua que acontece durante toda a vida e na fase de escolarização habilidades e competências cognitivas são adquiridas, no entanto, cada sujeito possui suas capacidades e especificidades e dessa forma, os métodos de ensino-aprendizagem são capazes de impulsionar seu desenvolvimento, devendo o docente buscar estratégias metodológicas que sejam eficazes e atendam ao seu público-alvo. Estamos diante de um novo cenário, o contexto atual oferece informação de fácil acesso a todo instante, não sendo a escola a única fonte de aquisição do conhecimento. Para tanto, faz-se necessário que a instituição escolar busque ressignificar a prática pedagógica docente de forma a transpor a didática tradicional com implementação de novos métodos de aprendizagem que fomentem o interesse nos educandos, com vistas à sua formação integral enquanto sujeito pertencente a uma sociedade, preparado para atuar como cidadão ativo e participativo. O ensino de Geografia busca desenvolver no estudante as noções de espaço, compreensão de elementos da natureza e da sociedade e as aulas de campo consistem em momentos de análise, reflexão e experimentação que oportunizam ao estudante construir seu conhecimento por meio de suas vivências em experiências concretas. Dessa forma, o presente trabalho, utilizando como método a revisão bibliográfica, tem como objetivo apresentar as aulas de campo como estratégia pedagógica para uma aprendizagem do ensino de Geografia. Posteriormente aos estudos realizados, torna-se perceptível que, as aulas de Geografia, associadas as aulas de campo, favorece a aquisição de conhecimento de forma efetiva e significativa.

Palavras-chave: Aprendizagem. Ensino de Geografia. Aulas de campo.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	05
2 – DESENVOLVIMENTO	06
3 – RESULTADO E DISCUSSÃO	12
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS	14

INTRODUÇÃO

O processo educativo em seus aspectos teóricos e práticos deve ser amplamente discutido e avaliado, de forma que o planejamento proposto atenda com eficácia as necessidades dos educandos alinhados aos objetivos pedagógicos de cada modalidade de ensino.

Independente do conteúdo a ser ministrado o docente deve articular estratégias e recursos didático metodológicos que sejam capazes de atingir as metas educacionais e acima de tudo, torne a aprendizagem significativa para o protagonista do processo que é o estudante. Na visão de Borges e Alencar (2014) para uma aprendizagem significativa o aluno deve estar na centralidade, ter sua curiosidade despertada por meio da utilização de situações cotidianas, trazendo novas e significativas descobertas.

As gerações atuais contam com aparatos tecnológicos diversos, rede de informação e comunicação e com isso a escola deve avaliar e reordenar os métodos de aprendizagem com vistas a promover o interesse e engajamento dos estudantes nos estudos.

No ensino de Geografia as estratégias e procedimentos utilizados podem se tornar atrativos para o educando, com uma metodologia que facilite a compreensão do tema abordado. De acordo com Callai (1998) existem mecanismos que contribuem para o aprendizado.

Tais benefícios podem ser alcançados com o trabalho das aulas de campo que assumem um caráter facilitador da aprendizagem, onde o estudante assume posição ativa do ensino fazendo observações, análises e reflexões do objeto de estudo e construindo seu conhecimento com a mediação do professor. Conforme citado por Silva e Campos (2015) as aulas de campo são importantes para o desenvolvimento, elas permitem ao estudante uma leitura ampla sobre a paisagem, analisando os elementos em diferentes perspectivas.

Além do mais, a prática de ensino das aulas de campo colocam o estudante enquanto integrantes da sociedade que possuem seus direitos e deveres de cidadãos, compreendendo seu meio e agindo positivamente sobre ele. Lima e Vlach (2002) defendem que as aulas de campo permitem ao estudante compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar; identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo a construir referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais

O estudo foi realizado a partir de levantamento de registros bibliográficos em revistas, livros e periódicos acerca do tema abordado para que então pudesse ter maior compreensão sobre o assunto. Para o levantamento bibliográfico foram utilizados materiais impressos e sites acadêmicos.

Após revisão de literatura foram selecionados alguns dos autores que dissertam quanto à utilização das aulas de campo como estratégia metodológica. Posteriormente o texto foi escrito, com intuito de conceituar as aulas de campo na disciplina de Geografia, com embasamento teórico de que tal metodologia praticada.

Portanto, o presente trabalho, tem como objetivo buscar analisar os benefícios das aulas de campo como mecanismo facilitador para o ensino da Geografia, assim como ampliar a discussão quanto à experiência das aulas de campo para a formação integral do sujeito.

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A educação na contemporaneidade enfrenta desafios em grandes proporções. O cenário educacional da atualidade é permeado por tecnologias, fontes de informação de rápido e fácil acesso, dentre outras possibilidades que fazem com que os atores que compõem a escola reflitam quanto às práticas adotadas. Segundo Bacich e Moran (2018) o estudante está inserido em uma cultura digital, com grande facilidade de acesso à informação, onde é possível partilhar amplamente seus interesses, práticas, conhecimentos e valores. Daí surge a necessidade de uma ressignificação das práticas educativas que levem a uma verdadeira construção do saber.

Torna-se cada vez mais difícil manter o público estudantil interessado nos estudos que são praticados nas instituições formais de ensino, emergindo a alerta para mudança de paradigma.

Nesse sentido, os profissionais devem pensar em uma ressignificação da prática pedagógica, buscando metodologias e recursos que atendam as demandas da sociedade atual.

A busca por métodos de aprendizagem, consiste em uma ação que deve ser diária no fazer pedagógico docente para que assim, os estudantes atribuam novos sentidos e significados do que está sendo abordado construindo uma aprendizagem significativa. Nesse sentido:

A evolução do mundo, das fronteiras, das tecnologias, dos estilos de vida requer uma flexibilidade e criatividade crescentes dos seres humanos no trabalho e na cidade. Nessa perspectiva, confere-se ocasionalmente à escola a missão prioritária de desenvolver a inteligência como capacidade multiforme de adaptação às diferenças e às mudanças (Perrenoud, 1999, p.15).

Tais mudanças se aplicam ao contexto de ensino da disciplina de Geografia, que carece de situações de aprendizagem que levem os educandos a desenvolver suas interpretações sobre o que está sendo estudado, correlacionando os conteúdos com as suas vivências na estruturação de seu conhecimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o ensino de Geografia deve contemplar diversos temas como espaço, território, paisagem e lugar. O documento salienta ainda que, torna-se importante o estudante ser um sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o ensino de Geografia, constitui-se em um espaço carregado de representações que requerem dos docentes estratégias metodológicas capazes de desenvolver a percepção do estudante para a construção de saberes geográficos de forma consistente e significativo, pois:

O ensino de Geografia tem por objetivo formar um raciocínio geográfico desde uma abordagem espacial, permitindo que os alunos construam modos de pensar a partir das lentes geográficas, lentes que têm a finalidade de promover o entendimento da produção do espaço pelo homem (Bento 2014, p.150).

Além do mais, através da compreensão do espaço que habita, o estudante está construindo sua visão e posicionamento da sociedade levando-o a fazer parte dela de forma ativa como cidadão participativo. Nesse aspecto:

O ensino de geografia contribui para a formação da cidadania por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas (Cavalcanti, 2012, p 81).

Os eixos temáticos previstos para o ensino de Geografia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), visam o desenvolvimento de habilidades de leitura da realidade fortalecendo o espírito de solidariedade como cidadão do mundo.

Por meio da viabilização do planejamento e estruturação de aulas com situações de didáticas que despertem no educando a motivação e o desejo de aprender que o processo se torna mais interessante e prazeroso não sendo uma mera repetição de conteúdos engessados.

Na concepção de Sousa Neto (2001, p.115) “a aula é um processo e não produto; não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um objetivo; não é algo sujeito a troca, como uma mercadoria”.

Martins (2009) destaca que o educador que se importa em mudar a convencional aula no formato expositivo, deve buscar meios para que os alunos possam estar envolvidos e alinhados no próprio processo de aprendizagem.

Assim, as aulas de Geografia não deve se resumir em uma mera reprodução de conteúdos a serem transmitidos pelo docente com a postura de detentor de todo o saber acumulado.

Os conteúdos teóricos são de suma importância para a compreensão da temática que está sendo estudada e fornece subsídios dos elementos conceituais que serão necessários durante as ações práticas, tendo em vista que:

O ensino dos conteúdos deve ser visto como a ação recíproca entre a matéria, o ensino e o estudo dos alunos. Através do ensino criam-se as condições para a assimilação consciente e sólida de conhecimentos, habilidade, atitudes e, nesse processo, os alunos formam suas capacidades e habilidades intelectuais para se tornarem, sempre mais, sujeitos da própria aprendizagem. Ou seja, a matéria a ser transmitida proporciona determinados procedimentos de ensino, que, por sua vez, levam a formas de organização do estudo ativo dos alunos (Libâneo 1994, p. 141).

Souza e Chiapetti (2012) corroboram da mesma ideia, afirmando que se faz necessário o conhecimento prévio do conteúdo, o estudante necessita de embasamento do que está sendo trabalhado.

No entanto, o atual contexto educacional requer dos docentes práticas de ensino que não se limitem a uma pedagogia transmissiva. É preciso pensar na adoção de práticas pedagógicas que atendam à nova realidade.

Os estudantes de hoje trazem novas demandas de aprendizagem. Anteriormente exerciam somente o papel de acumuladores de conteúdos e utilizavam técnicas de memorização, hoje precisam encontrar sentido no que está sendo ensinado.

Além disso, o mundo contemporâneo permeado por tecnologias e informações de fácil acesso a todo momento, exigem a transposição de uma didática somente conteudista para um movimento dinâmico que contemple os saberes conceituais e também os saberes experienciais. Assim,

A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade (Libâneo, 1994, p.15).

Nessa concepção, a prática pedagógica deve ser reformulada e as aulas de campo podem ser vistas como ferramenta didática capaz de levar o educando a compreensão dos conceitos e do meio no qual está inserido. A partir de então, o docente passa a mediar para que o aprendiz possa associar ao conteúdo técnico apreendido em sala de aula e faça suas análises, reflexões e experimentações na busca de construir seu próprio conhecimento. Conforme salientado por Bento (2014, p.144) “o espaço geográfico é concebido e construído

intelectualmente como um produto histórico e social, uma ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação”.

Cavalcanti (2012) ainda acrescenta que o espaço possui inúmeras representações, é preciso que o estudante tenha essa percepção para a construção consistente de seu conhecimento.

Venturi (2011) também acredita que o contato e a interação do estudante com o meio e seu cotidiano é um procedimento capaz de ampliar de forma significativa as suas vivências e seus saberes.

Lopes e Pontuschka (2009) afirmam que o estudo do meio visa proporcionar aos estudantes contato direto com determinada realidade que se decide estudar e a partir do diálogo com o mundo produzir novos conhecimentos.

As aulas de campo vão além dos muros da escola e podem ser enxergadas como ações pedagógicas favoráveis para a interação estudantil, a relação entre colegas e professor passa a ser de colaboração e troca de experiências no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva:

A condução de uma aula de campo envolve, entre outras questões, a ruptura com o autoritarismo, que geralmente se faz presente na sala de aula, haja vista que o professor estrategicamente domina sua aula, ao passo que, em campo, a aula não é fechada, havendo quebra de hierarquias, tornando-se imprevisível e desafiadora tanto para o aluno quanto para o professor. Nesse viés, a aula de campo prolonga o aporte teórico, ensejando o contato direto dos atores escolares com a realidade, e sempre com objetivos de estudo, a partir dos quais o próprio aluno define seu perfil investigativo e busca a resolução dos problemas por meio da orientação do professor, levantando hipóteses e decidindo que métodos utilizar para alcançar o resultado (Silva e Campos 2015, p. 24).

À vista disso podemos acrescentar que:

A prática de campo nas aulas de Geografia pode ser um importante aliado do educador ao contribuir para a construção do olhar geográfico dos estudantes. Isto porque acreditamos que uma formação sólida e significativa dos conhecimentos geográficos passa pelo aperfeiçoamento desse olhar ao longo da escolaridade, como meio para compreender gradualmente o espaço geográfico em sua complexidade (Neves 2010, p.11).

Moreira (2006) ainda acrescenta em sua teoria da aprendizagem que as aulas de campo podem ser vistas como uma estratégia positiva à aprendizagem. Consiste em um instrumento primordial para o desenvolvimento do educando, que sente interesse pelos conteúdos abordados.

Mediante tais colocações podemos identificar que, as aulas de campo representam uma possibilidade de contato do estudante com a realidade estudada, facilitando a contextualização dos temas de estudo. Assim sendo,

Acreditamos que os trabalhos de campo podem promover a significação dos conteúdos na medida em que demonstram aos estudantes a “utilidade” social da geografia, permitem a exploração de seus conhecimentos prévios no desenvolvimento das atividades, além de problematizar e promover a análise de “espaços reais”, os espaços do cotidiano (Neves 2010, p. 80).

Mediante o exposto cabe considerar que:

As aulas de campo proporcionaria a compreensão da realidade e a apreensão de outros espaços geográficos externos ao seu cotidiano, ampliando as fontes de conhecimento que os levem à reflexão e à tomada de consciência sobre a organização do seu espaço geográfico(Souza e Chiapetti 2012, p. 9).

Partindo desse pressuposto, Carbonell (2002) destaca que, os espaços além da sala de aula despertam a mente do estudante e suas capacidades, pois se caracterizam como espaços estimulantes que se bem aproveitados se classificam como um relevante cenário para a aprendizagem.

Nessa conjuntura:

A utilização dos trabalhos de campo com estudantes da educação básica pode estimular o interesse pelo aprendizado da Ciência Geográfica, uma vez que consiste em uma metodologia que se desenvolve, por definição, predominantemente fora da sala de aula (Neves 2010, p. 67).

Na visão de Carbonell (2002) os espaços externos à classe como, por exemplo, o museu, o rio, o bosque, o lago, quando bem aproveitados , se tornam excelentes cenários de aprendizagem.

Callai (1998) ainda reitera que o ensino de Geografia, por meio das aulas campo, age na formação de um cidadão ativo, consciente e que seja capaz de compreender o seu espaço e a realidade que o cerca.

Podemos observar que nas falas dos autores citados há uma concordância de que as aulas de campo constituem em uma estratégica didática facilitadora do ensino-aprendizagem de geografia, levando o estudante à aquisição do conhecimento por meio de análise do seu espaço geográfico.

No entanto, Conforme citado por Venturi (2011) para que a aula de campo seja uma experiência significativa para o estudante, faz-se necessário um planejamento com intencionalidade pedagógica onde o professor é o mediador do processo.

O ensino por meio de ações práticas não se limita a mudança de ambiente, da sala de aula para espaços externos, deve-se envolver os objetivos de tal estudo para que se possa incentivar a participação estudantil.

Sob tal ponto de vista:

Para que o ensino de geografia contribua para a formação, pelo aluno, do conceito de cidade como uma ferramenta para a análise geográfica do mundo, não se deve

estruturar o conteúdo escolar por meio de um conjunto de conceitos com definição pronta, como, por exemplo: o que é cidade, o que é processo de urbanização, o que é conurbação, o que é valorização/segregação urbana, o que é metrópole, o que é rede urbana etc. Observa-se que muitas vezes, com essa orientação, o aluno ‘aprende’ (ou reproduz verbalmente) todas essas definições que compõem o conteúdo didático, acompanhadas de inúmeras informações sobre diferentes cidades, mas não consegue utilizá-las para compreender e analisar fatos e fenômenos que presencia em seu cotidiano (Cavalcanti, 2012, p. 57).

Na mesma perspectiva Thralls (1967, p.15) complementa: “o ensino de Geografia deveria ser capaz de apresentar a matéria de maneira a oferecer a classe possibilidades de compreensão, prazer e desejo de saber mais”.

Segundo Martins (2009) a estratégia metodológica de aulas de campo, tem como base os conceitos trabalhados em sala de aula e posteriormente o professor oportuniza a assimilação de tais conceitos em contato com o meio, focando no estudante como próprio autor de seu conhecimento. Os tipos de solo, por exemplo, constituem uma situação didática que pode ser enriquecida com as aulas de campo. No espaço da sala de aula, a abordagem conceitual é realizada e na aula de campo o estudante tem a possibilidade de aplicar na prática o que foi apreendido.

Morais e Paiva (2009) defendem que as aulas de campo são oportunidades em que estudantes têm a oportunidade de descobrir novos ambientes fora da sala de aula, inclusive com observação e registro de imagens ou outros instrumentos que podem ser de grande valia. Estas aulas também oferecem a possibilidade de trabalho interdisciplinar, pois dependendo do conteúdo, podem-se abordar vários temas.

À luz do pensamento de Viveiro e Diniz (2009) a aula de campo é uma ótima oportunidade para se explorar conceitos e trabalhar a interdisciplinaridade. Estas aulas permitem aos estudantes construir seu conhecimento de forma lúdica e interativa contribuindo para uma melhor qualidade do ensino.

Nesse entendimento:

A aprendizagem seria, dessa forma, contemplada como uma ação social e a interação do aluno com o campo e com o outro se realizaria por meio da relação dialógica entre o individual e o coletivo. A partir da ponderação dos aspectos emocionais e das experiências sensoriais, incorporados aos processos de raciocínio e de construção de valores humanos, a aula de campo se insere, dessa perspectiva, como metodologia de ensino que facilita a construção de conhecimento e a compreensão das relações entre a realidade e os conteúdos estudados em sala de aula (Silva e Campos 2015, p. 27).

Além do mais, a implementação de estratégias metodológicas das aulas de campo, além do alcance aos objetivos propostos para a disciplina e aquisição do conhecimento do

aluno ainda promovem o desenvolvimento integral do estudante com atitudes cidadãs e posicionamento crítico. Dessa forma,

Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento, discutindo, ampliando e alterando a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica, necessária ao exercício conquistado de cidadania (Cavalcanti, 2012, p. 45).

Portanto, a proposta de realização de aulas de campo apresenta uma dimensão bastante significativa para a aprendizagem, tendo em vista que oportuniza ao estudante o acesso ao ambiente geográfico para apropriação do conhecimento.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os estudos nos permitem compreender que o ensino de Geografia objetiva desenvolver no estudante habilidades de compreensão dos conceitos geográficos assim como o entendimento do espaço em que habita e suas transformações. Por conseguinte, a disciplina fomenta a formação cidadã do educando, para se tornar ativo, participativo e reflexivo.

O que foi salientado por Callai (1998), quando cita que o Ensino da Geografia com intermédio das aulas de campo, atuam na formação de um cidadão com consciência da realidade que o cerca, com situações práticas para que aprenda a definir o espaço ocupado e refletir sobre ele.

A seleção da literatura foi feita a partir de pesquisas em trabalhos científicos, revistas científicas, livros acadêmicos e demais publicações de estudos que abordam a questão norteadora, quanto à utilização das aulas de campo para potencializar o processo de aprendizagem em Geografia.

Os materiais analisados mostram a existência de posicionamentos de autores com relação a utilização das aulas de campo enquanto ferramenta pedagógica para o ensino e, nenhum deles se diverge no que diz respeito a sua eficácia para a aprendizagem, ao contrário disso, apontam como ação necessária e de grande possibilidades de sucesso. Como citado por Carbonell (2002) a mente é capaz de reter melhor as informações quando interage de forma ativa nas situações de aprendizagem.

No arcabouço teórico construído, autores como Cavalcanti (2012), Neves (2010) e Venturini (2011) colocam as aulas de campo como uma aula prática para consolidar e ampliar os conhecimentos técnicos obtidos a partir do conceito apresentado.

O roteiro das aulas de campo devem ser previamente preparados, como elencado por Venturini (2011), de forma que crie circunstâncias para a aprendizagem do estudante. Na relação entre teoria e prática o aprendiz deve ser capaz de realizar a leitura crítica do espaço.

Em tal didática de aulas de campo, faz-se necessário a atuação do docente para promoção do engajamento do estudante e sua participação ativa. Nesse formato as barreiras do autoritarismo devem ser rompidas conforme citado por Neves (2010) e o professor assuma uma postura de mediador, sendo o estudante o protagonista de seu próprio aprendizado.

Os dados das pesquisas bibliográficas mostram que, na perspectiva dos autores ora referenciados, como as aulas de campo o aprendiz é estimulado a mobilizar diversas habilidades como análise, experimentação, observação, reflexão e a partir daí construir seu próprio conhecimento, conforme descrito na perspectiva de Bento (2014) e Venturini (2011) que com a metodologia de aulas de campo o estudante recebe encorajamento para desenvolver diversas aptidões.

É imprescindível a motivação do docente aos estudantes durante o uso de metodologias como as aulas de campo, que após os conceitos teóricos leva o aprendiz à situações de aprendizagem que facilitam a sua compreensão e estimulam o seu desenvolvimento.

Mediante o estudo realizado podemos inferir que as aulas de campo, constitui-se em uma estratégia didática que aproximam a teoria da prática e assim são capazes de favorecer a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem acontece de forma contínua, no entanto, na fase de escolarização esse processo deve ser intensificado a fim de que o educando possa ampliar os seus conhecimentos.

O contexto educativo atual, permeado por tecnologias e com alto volume de informações de fácil acesso, sinalizam que a instituição escolar deve repensar as suas práticas adotadas.

O processo de ensino-aprendizagem não deve se limitar apenas a transmissão de conteúdos, ao contrário disso, devem ser implementadas práticas que incitem o protagonismo estudantil.

O ensino de Geografia é um conteúdo a ser ministrado visando o desenvolvimento da capacidade do estudante de ler o mundo e se tornar um cidadão ativo na sociedade em que habita.

Além disso, o estudante deve ser capaz de mobilizar conhecimentos adquiridos durante seus estudos para construir as suas próprias percepções dos conceitos trabalhados agindo de forma ativa no processo.

Existem diversos recursos didáticos para o processo de ensino da Geografia e as aulas de campo constituem uma estratégia metodológica dinâmica para potencializar a aprendizagem.

Por meio de ações de observação e análise do ambiente, após o contato com os conceitos teóricos mediados pelo professor, o estudante é levado à reflexão e construção do seu conhecimento de forma consistente e eficaz.

Com as aulas de campo os conhecimentos práticos colaboram com a construção do saber, por meio da interação com o meio, o estudante tem oportunidade mais ampla de apropriação dos conceitos.

Portanto, podemos considerar que as aulas de campo atuam como um mecanismo facilitador para a aprendizagem, pois favorecem à compreensão do seu ambiente e a associação com os conteúdos abordados.

REFERÊNCIAS

BACICH, L. MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BENTO, I. P. Ensinar e Aprender Geografia: pautas contemporâneas em debate. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Campinas, nº. 7, jan/jun. 2014, p.143-157.

BORGES, T. S., & ALENCAR, G. (2014) Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, 3(4), 119-143.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. C. O ensino de geografia e a nova realidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 24, 1998, p. 67-72.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CAVALCANTI, L. de S. A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. H., VLACH, V. R. Geografia escolar: relações e representações da prática social. *Caminhos de Geografia*. Uberlândia, v.3, nº 5, 2002. p.44-51.

- LOPES, C. S. PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n.2, 2009.
- MARTINS, J. S. **Situações práticas de ensino e aprendizagem significativa**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- MORAIS, M. B. PAIVA, M. H. **Ciências – ensinar e aprender**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2010.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SILVA, M. E. CAMPOS, C. R. P. **Aulas de campo para alfabetização científica: práticas pedagógicas escolares**. Vitória: IFES, 2015.
- SOUSA NETO, M.F. A Aula. **Geografares**. Vitória, nº.2, jun. 2001, p. 115-120.
- SOUZA, S. O.; CHIAPETTI, R. J. N. O Trabalho de Campo como estratégia ao ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, v.3, 2012, p. 3-22.
- THRALLS, Z. A. **O ensino da Geografia**. Porto Alegre: Globo, 1967.
- VENTURI, L. A. B. **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Sarandi, 2011.
- VIVEIRO, A. A. V.; DINIZ, R. E. S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1. Jul. 2009, p.1-12.